

## O QUE TRADUZIR? COMO TRADUZIR? POR QUE TRADUZIR?<sup>1</sup>

What to translate? How to translate? Why translate?

Maddalena DE CARLO, Universidade de Cassino (Itália)  
Tradução de Carmem Lúcia DRUCIAK, Universidade Federal do Paraná

“Não é o êxito da construção da Torre de Babel,  
mas seu fracasso que faz nascer e nutre a energia  
para viver, para crescer, para prosperar”  
W.R. Bion<sup>2</sup>

“Arte do cruzamento das mestiçagens que aspiram à totalidade-mundo,  
arte da vertigem e da errância salutar,  
assim a tradução se inscreve cada vez mais  
na multiplicidade de nosso mundo”  
Édouard Glissant<sup>3</sup>

**RESUMO:** No marco do ensino de línguas o destino da tradução seguiu um caminho alternativo. Pedra angular, ao lado da gramática, na metodologia tradicional, totalmente banida dos métodos áudio-oraís, ignorada na abordagem comunicativa, a tradução-mediação está hoje reintegrada ao ensino de línguas já que ocupa um lugar considerável no funcionamento linguístico comum de nossas sociedades. Após um breve panorama da evolução dos estudos da tradução, este artigo leva em consideração três níveis possíveis de integração da prática tradutória em uma formação linguística.

**PALAVRAS-CHAVE:** tradução; categorias de tradução; formação linguística;

**ABSTRACT:** In the context of language teaching, the destination of the translation followed an alternative path. Fundamentally, alongside grammar, in traditional methodology, totally banned from audio-oral methods, ignored from the communicative approach, translation-mediation is now reintegrated into language teaching as it occupies a considerable place in the common linguistic functioning of our societies. After a brief overview of the evolution of translation studies, this article takes into account three possible levels of integration of the translation practice into a language training.

**KEYWORDS:** translation; translation categories; language teaching

## O INSTINTO DA TRADUÇÃO<sup>4</sup>

“Aprender a falar significa aprender a traduzir”, esta afirmação de Otávio Paz (1972, p. 3-14) demonstra bem que a atividade de tradução é característica do homem,

<sup>1</sup> Artigo publicado originalmente em língua francesa na revista ©ÉLA, Études de linguistique appliquée, Ed. Klincksieck, n° 141, 1/2006, sob o título “Quoi traduire? Comment traduire? Pourquoi traduire?”. ISSN: 1965-0477. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-ela-2006-1-page-117.htm>>

<sup>2</sup> BION, Wilfred.. *All my sins remembered. The other side of genius*. Abingdon: Fleetwood Press, 1985.

<sup>3</sup> GLISSANT, Edouard. *Introduction à une poétique du divers*. Paris : Gallimard, 1996, p. 45.

<sup>4</sup> Utilizamos a expressão em referência à obra de Steven Pinker *The language. Instinct*, 1994.

assim como a produção da linguagem. A tradução sempre permitiu a comunicação entre as diferentes comunidades linguísticas: a difusão de novas informações (científicas, técnicas, literárias...); a descoberta de gêneros literários novos (arengas, epopeias, comédias...) e a circulação de obras literárias (traduzidas do latim, do grego, das línguas vulgares europeias, de outras línguas) contribuíram na formação do gosto e colocaram ao alcance de muitos saberes reservados a elites culturais. Foi graças à tradução de Avicena e Averróis que as obras de Aristóteles circularam na Idade Média, após a queda do Império Romano do Ocidente. Seria facilmente possível esboçar uma história das ideias a partir dos percursos das traduções realizadas em diferentes contextos culturais e em diferentes épocas. Basta pensar no papel de abertura cultural e política representado pelas traduções dos escritores americanos na Itália fascista. As traduções tiveram também um papel fundamental na formação das línguas nacionais, como salientam Le Goff (1957), Berman (1978) e Cordonnier (1995). Na Espanha, por exemplo, sob a impulso do rei Afonso X (que adotou para si o título de *emendador*, isto é, de corretor dos textos traduzidos em seu reino), a abundante atividade de tradução de textos gregos, latinos e árabes para o castelhano representou um dos fatores contribuintes para a afirmação desse falar vulgar como língua da corte.

A tradução seria então uma atividade humana onipresente: segundo Jakobson (1959) o sentido de uma palavra nada mais é do que sua transposição em um signo (linguístico ou não) que possa substituí-lo. Essa transposição pode se realizar de três modos: o signo linguístico é traduzido por outros signos pertencentes ao mesmo sistema linguístico ou é traduzido por signos de um outro sistema linguístico, ou ainda, ele é traduzido por um sistema simbólico não linguístico. Essas três formas de tradução foram denominadas por Jakobson tradução intralingüística, tradução interlingüística e tradução intersemiótica, respectivamente. Assim, qualquer interpretação, quer dizer, qualquer atribuição de sentido, nada mais é que uma tradução.

A reconstrução histórica das práticas tradutórias e das teorias subjacentes não é o objetivo de nosso artigo, vamos nos limitar a percorrer em linhas gerais reflexões elaboradas sobre o assunto há alguns anos. No entanto, esta breve exposição não será exaustiva e não poderá dar conta da verdadeira “explosão” (tal como definiu Ladmíral) de obras que assumiram esse campo de pesquisa.

## **TENTATIVAS DE CLASSIFICAÇÃO**

Siri Nergaard (1995), a partir do pós-guerra, concebe três gerações nos estudos da tradução, com base no campo de investigação – a palavra, o texto, a cultura – e no gênero textual – o não-literário, o literário, a superação dessa dicotomia<sup>5</sup>. A primeira geração se desenvolve nos anos 1950-1960 e propõe ser uma *ciência da tradução*<sup>6</sup>. Influenciada pelas experiências de tradução automática, a pesquisa segue a lógica matemática elaborada por calculadoras; a disciplina coloca como objetivo principal construir uma teoria capaz de estabelecer traduções adequadas ao original.

É a partir do fim dos anos de 1970 – início dos anos 80 que estreia uma segunda geração. Trata-se de uma reflexão não prescritiva sobre a tradução a partir de seu estatuto prático: o problema que os especialistas colocam não é tanto encontrar regras para assegurar uma equivalência entre os textos de línguas diferentes, mas sim descrever o que é uma tradução, o que faz de um texto uma tradução. É então que nascem *teorias* (a pluralidade aqui é importante) *da tradução*<sup>7</sup>.

O nascimento de uma verdadeira disciplina envolvendo a tradução se dá por volta dos anos de 1980, época na qual Nergaard situa a terceira geração. Não se trata nem de uma ciência, nem de uma teoria, mas de um campo de pesquisa, reconhecido agora, no meio anglo-americano, sob o nome de *Translations Studies*. Se na passagem da primeira para a segunda geração a atenção havia se deslocado da língua como estrutura para seu funcionamento como discurso, no presente a tradução é considerada como uma prática e uma comunicação interculturais. Sem dúvida, a emergência de culturas pós-coloniais e as instâncias da antropologia cultural estimularam uma nova reflexão tanto sobre os conceitos de língua materna, de língua estrangeira e de nacionalidade quanto sobre as relações entre línguas-culturas dominantes e línguas-culturas dominadas. Essa mudança de perspectiva levou especialistas da área a falarem em *virada cultural*.

No que se refere aos últimos anos, Ladmíral (2003) salienta que os estudos da tradução se debruçam muito sobre a psicologia cognitiva para descobrir as operações mentais mobilizadas durante a atividade de tradução. Trata-se de considerar a tradução não como produto, mas como atividade tradutora. Pesquisas desse gênero se concentraram sobre os diferentes aspectos do processo de tradução como, por exemplo,

<sup>5</sup> Todo texto, seja ele literário ou não, se encaixaria no interior de uma tipologia e de um gênero discursivo, cada um com suas funções dominantes que se realizam de modo específico.

<sup>6</sup> Como demonstra o título da obra de Nida, *Toward a Science of Translating* de 1964.

<sup>7</sup> É preciso lembrar de qualquer maneira que Berman cria nessa mesma época o termo *tradutologia*.

as estratégias de resolução de problemas, as atividades de planejamento, as tomadas de decisão. Nesse sentido, as pesquisas experimentais explicitaram em meados dos anos de 1980 técnicas de reflexão em voz alta (*think-aloud protocols*) que permitiam entender a atividade mental do tradutor durante a prática da tradução.

Essa breve retomada histórica testemunha da extensão da problemática e da pluralidade dos pontos de vista que se sucederam a partir do momento em que, ao lado de uma prática da tradução, se desenvolveu, segundo a formulação de J.-R. Ladmiral, uma verdadeira epistemologia da tradução.

A produção dos estudos sobre a tradução é tão vasta que alguns autores sentiram necessidade de propor categorias que permitissem encontrar, em diferentes níveis, linhas de força ou fios condutores dessas reflexões. Nida (1964) distingue assim três categorias em função da ciência de referência: *Philological Theories*, *Linguistic Theories*, *Sociolinguistic Theories* (Teorias Filológicas, Teorias Linguísticas e Teorias Sociolinguísticas). Meschonnic (1973), por sua vez, considera quatro pontos de vista dominantes: um ponto de vista *empirista*, aquele dos praticantes; um ponto de vista *fenomenológico*, ligado à filosofia hermenêutica alemã; um ponto de vista *linguístico*, baseado em teorias linguísticas *strictu sensu* e um ponto de vista *poético*, que seria o seu, considerando o texto como um produto ao mesmo tempo único e totalmente imbuído de seu pertencimento histórico. Steiner, em sua obra indispensável sobre a tradução *After Babel, Aspects of Language and translation*<sup>8</sup>, acolhe a divisão ternária clássica, que em oposição entre tradução palavra por palavra e tradução livre, acrescenta uma terceira possibilidade de equilíbrio entre as duas:

A teoria da tradução, ao menos desde o século XVII, estabelece quase sempre três categorias. A primeira compreende a tradução estritamente literal. [...] A segunda é a imensa zona média da “translação” com o auxílio de um enunciado fiel, mas autônomo. [...] A terceira categoria é a da imitação, da recriação, da variação, da interpretação paralela (STEINER, 1975, p. 328).

Dessa *zona média*, Besse tentou apresentar uma categoria própria, classificando os modos de traduzir a partir de três critérios:

O primeiro se refere ao “alguma coisa” [...]. O segundo concerne às unidades de linguagem sobre as quais se dá essa operação [...]. O terceiro está ligado às circunstâncias (no sentido retórico do termo) em que ele é efetuado [...].

<sup>8</sup> Em edição brasileira, STEINER, George. *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução*. Tradução de Carlos Alberto Faraco. Curitiba: Editora UFPR, 2005.. (N.T.)

Esses critérios, por mais simples que pareçam, permitem distinguir facilmente três gêneros de tradução [...] (BESSE, 1998, p. 12).

Trata-se da tradução **didática**, da tradução **pragmática** e da tradução **poética**:

É preciso notar que os três tipos de tradução tendem em nossos dias a se distinguir profissionalmente: a tradução didática é, antes, assunto dos professores de língua e de alguns lexicógrafos (que trabalham em dicionários bilíngues); a tradução pragmática, é aquela dos intérpretes ou dos tradutores ditos de conferência ou especializados; a tradução poética, chamada com frequência de literária, é aquela do domínio dos escritores ou daqueles que se consideram assim. Mas seria fácil demonstrar que, mesmo em graus diversos, todos usam, segundo necessidades e circunstâncias, os três tipos (BESSE, 1998, p. 27).

Retomando a proposição de Besse, gostaríamos de expor aqui as razões pelas quais os três níveis podem constituir assuntos interessantes em um percurso universitário.

## TRADUÇÃO E FORMAÇÃO EM LÍNGUAS-CULTURAS

### A reflexão sobre os sistemas linguísticos

Abordemos primeiramente a tradução didática, que em princípio deveria nos implicar de modo mais específico. A tradução foi durante muito tempo a principal atividade do ensino de línguas vivas. Como sublinha Germain (1993), é a partir do Renascimento, na sequência do desenvolvimento das línguas nacionais, que o estatuto da língua latina se transforma: seu conhecimento não responde mais a uma verdadeira exigência de comunicação, mesmo se limitada aos meios intelectuais; seu estudo passa a se apresentar como uma disciplina mental, uma espécie de ginástica intelectual, necessária à formação cultural geral. Os ensinos do latim e das línguas nacionais (verdadeiras línguas estrangeiras para uma grande parte da população) seguem dali em diante um caminho paralelo. Calcada sobre o método tradicional, a combinação de regras de gramática e de tradução se torna a metodologia padrão no ensino de línguas vivas no início do século XIX.

A revolução do método direto, cujos princípios de base são a intuição e a imitação, sem nenhum recurso à língua materna, trará mudanças nesse sentido. No entanto, como salienta Puren (1988), apesar de certo número de polêmicas entre os defensores e os detratores dessa atividade pedagógica, a tradução não cessa de ser

praticada, em particular com três funções: como método de ensino linguístico, como procedimento de controle e como metodologia de ensino literário.

Os métodos áudio-orais excluem em todos os casos a possibilidade de recorrer à tradução, visto que a aprendizagem linguística se realiza, seguindo uma abordagem behaviorista, através da imitação de comportamentos e não pelo raciocínio. Essa restrição (raramente respeitada na prática) é criticada já a partir dos anos de 1970. É verdade que Roulet, ao apresentar o material linguístico de um curso de língua aborda, entre as hipóteses dos estudos de psicolinguística, a seguinte implicação: “enfim, colocando em questão um último dogma, não hesitaremos em recorrer a uma comparação, nem à tradução, entre a língua materna e a segunda língua, pois ela pode trazer uma contribuição importante à aprendizagem” (ROULET, 1976, p. 57). A tradução pedagógica se constituirá então como um acesso à compreensão do funcionamento dos sistemas linguísticos da L1 e L2.

É a posição defendida em trabalhos de estilística comparada (francês-inglês, francês-italiano, francês-alemão) que se inspiram na estilística de Bally e que observam na atividade comparativa a via privilegiada para observar o funcionamento de uma língua com relação à outra: “A comparação de duas línguas, se praticada com reflexão, permite extrair melhor as características e o comportamento de cada uma” (DARBELNET; VINA, 1958, p. 25). Além das apreciações e das críticas recebidas pelos autores dessas obras e também pela noção de estilo coletivo, concordamos que uma atividade de reflexão sobre o funcionamento dos sistemas linguísticos em interação permite aos estudantes desenvolver uma espécie de consciência linguística tanto com relação à língua estrangeira quanto à materna. Por outro lado, estudos recentes sobre a função da alternância das línguas nas práticas em sala de aula, se não relacionam diretamente a tradução, tendem a afirmar que a língua materna dos estudantes tem um papel fundamental na apropriação de uma outra língua. Desse modo, Bernard Py, ao analisar as zonas de continuidade e de ruptura nos processos de aquisição das pessoas bilíngues e dos estudantes não bilíngues, afirma:

[A] L1 deve ser considerada não tanto como obstáculo real ou virtual, mas como constituinte de um repertório bilíngue. [...] Os conhecimentos de L2 não se acrescentam, mas se combinam com os conhecimentos em L1. [...] A consciência da linguagem (*language awareness*) ocupa um lugar particular: praticada em um meio plurilíngue valoriza todas as línguas representadas na sala de aula enquanto objeto de reflexão ou de conceituação (PY, 1997, p. 498).

Ora, essas observações podem ser aplicadas à prática da tradução, se ela for entendida, como já apontamos, como uma atividade de comparação e de observação do funcionamento de dois ou mais sistemas linguísticos.

### A análise dos textos de comunicação

À *tradução pedagógica* opomos com frequência uma *pedagogia da tradução*, a saber a formação de tradutores profissionais. Contrariamente ao tipo anterior, este ensino não se concentra unicamente sobre a análise linguística, mas sobre o texto enquanto discurso. Aqui estamos no nível da segunda categoria de Besse, o da tradução pragmática na qual a língua é considerada um meio para agir em dado contexto sociocultural. A intervenção de fatores cognitivos, psicológicos e sociológicos, estritamente dependentes da estrutura social na qual se realizam os enunciados, determina que o conhecimento das regras de uso e a capacidade de utilizá-las em contexto real não estejam dissociadas do conhecimento das regras gramaticais. Assim, traduzir significa saber dispor da combinação de diferentes competências mobilizadas em um evento de comunicação: a competência linguística, claro, mas também as competências discursiva, referencial e sociocultural (MOIRAND, 1982).

Desse ponto de vista, a tradução é, antes de tudo, um trabalho de compreensão e de análise do texto de partida. Sobre isso, Lederer apontou que a atividade de tradução se dá em um processo triplo: a compreensão, a reformulação, a reestruturação do sentido. De fato, para essa teórica e praticante da tradução, as línguas, enquanto veículos de sentido, não constituem diretamente o objeto a traduzir. Traduzir é antes de tudo interpretar: “Englobo sob o nome tradução linguística a tradução de palavras e a tradução de frases fora de contexto e denomino tradução interpretativa ou tradução simplesmente, a tradução de textos” (LEDERER, 1994, p. 14).

Se consideramos que esse tipo de atividade geralmente está reservado aos futuros profissionais da tradução, o interesse de tal abordagem textual nos parece evidente em qualquer formação linguística. Basta pensar nas atividades de pré-tradução necessárias para a compreensão e para a análise dos textos que propomos aos estudantes de todos os níveis: recuperar indícios formais, modelos sintático-semânticos para dar conta da estrutura do texto, indícios temáticos (palavras-chave, procedimentos anafóricos...), indícios enunciativos, modalidades lógico-pragmáticas, modalidades apreciativas, marcas que remetem ao leitor, etc. O fato é que a virtude primeira de um

“bom” tradutor é ser antes de tudo um leitor competente: um “bom” leitor é capaz de antecipar o sentido do texto a partir de certo número de indícios linguísticos e extralingüísticos, de formular hipóteses, de fazer previsões. O que quer dizer em outras palavras “aprender a observar como a linguagem verbal “coloca em texto” os “feitos” e os “ditos” do entorno cotidiano” (MOIRAND, 1990, Prefácio) para em seguida tomar decisões sobre as escolhas de tradução: comparar os fatores contextuais do texto de partida e do texto de chegada, analisar textos do mesmo tipo e gênero em língua materna, seu funcionamento, as marcas que os caracterizam e selecionar as características do texto de partida que podem ser conservadas no texto de chegada e aquelas que devem ser adaptadas.

Enfim, é no terceiro processo concebido por Lederer, o da reestruturação, que o ato de traduzir se realiza verdadeiramente e é no nível das soluções propostas que se situa a dificuldade de julgar uma tradução boa ou ruim. Se nos colocamos no contexto de um ensino linguístico geral não visando diretamente à formação de profissionais, os procedimentos evocados se unem a todas essas atividades cujo objetivo principal é a produção linguística, quer seja ela materna, quer seja estrangeira: “Trata-se de selecionar elementos verbais que “traduzem” em texto o que se quer representar, organizá-los entre si, “planejar”, enfim, um roteiro textual ou conversacional em função *do que se quer dizer, a quem e por quê*” (MOIRAND, 1990, p. 28).

### **A experiência da alteridade**

A atividade de tradução foi frequentemente associada à ideia de um paradoxo: se as línguas não fossem consideradas como simples sistemas formais de signos, se toda produção de linguagem estivesse impregnada de uma concepção de mundo compartilhada por uma comunidade e da sensibilidade do indivíduo que a realiza, traduzir se mostraria um empreendimento impossível. No entanto, como já apontamos, os homens nunca deixaram de traduzir nenhum tipo de texto e para fins diversos.

Como afirma Rosensweig, o tradutor em sua função de *condutor* se encontra entre duas línguas e entre duas culturas, é o servo de dois mestres: o autor que se expressa em sua língua e o leitor estrangeiro que deseja se apropriar da obra. A quem servir dos dois? Se a preocupação com a fidelidade ao texto é o que o dirige, o tradutor arrisca de servir ao autor, prestando ao leitor um serviço ruim e vice-versa. Ladmíral (1979) resume esse paradoxo pela fórmula: tudo é traduzível e ao mesmo tempo

intraduzível. A primeira afirmação é verdadeira no sentido de que toda experiência humana é transponível, a segunda também é no sentido de que toda experiência humana é única. Como sair desse impasse? Ladmiral propõe uma solução aparentemente vazia de sentido dada sua evidência: “a tradução não é o original”. Essa tautologia obriga o tradutor a abandonar a ideia de equivalência entre texto de partida e texto de chegada, a tomar consciência de seu papel, de seus limites e da natureza dos textos que produz.

Pensando nisso, encontramos aqui proposto novamente o paradoxo da relação de si mesmo com a alteridade, quer ela represente um indivíduo, uma cultura, uma língua.

Gostaríamos de retomar como ponto de partida um texto que por várias vezes foi considerado como o texto fundador da reflexão sobre tradução, a saber a conferência que Schleiermacher apresentou na Academia Real das Ciências de Berlim em 1813 sob o título *Dos Diferentes Métodos de Traduzir*.

A célebre questão colocada por Schleiermacher se refere à relação entre autor, leitor, tradutor e texto: “Ou o tradutor deixa o autor o mais possível em paz e leva o leitor ao seu encontro, ou deixa o leitor o mais em paz possível e leva o autor ao seu encontro”<sup>9</sup>. Schleiermacher rejeita este último método porque implica um apagamento da identidade da obra, um achamento da estrangeiridade, uma “anexação” do outro em si; o primeiro método é, ao contrário, o único que pode dar conta das relações que o autor mantém com sua língua e com sua cultura. Para fazer isso, o tradutor deve estar pronto a conservar em sua tradução a “sensação de estranheza”, a submeter sua língua às ressonâncias da língua do outro, a acolher em sua língua a estrangeiridade do outro.

Esse descentramento é evocado por Meschonnic<sup>10</sup> como

uma relação textual entre dois textos em duas línguas-culturas até a estrutura linguística da língua, essa estrutura linguística sendo o valor no sistema do texto. A anexação é o apagamento dessa relação, a ilusão do natural, o como-se, como se um texto em língua de partida fosse escrito em língua de chegada, abstração feita com as diferenças de cultura, de época, de estrutura linguística (MESCHONNIC, 1973, p. 308).

A falsa transparência, a que pretende apagar a identidade do tradutor, negando seu pertencimento histórico e ideológico, o constrange à passividade e, sem reconhecer, impõe uma ideologia dominante, praticando a anexação: “vamos opor à transparência

<sup>9</sup> Em português, SCHLEIERMACHER, Friedrich, “Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens / Sobre os diferentes métodos de tradução / Sobre os diferentes métodos de traduzir / Dos diferentes métodos de traduzir”. *Scientia Traductionis*, n.9, Traduções sinóticas, Florianópolis, 2011.. (N. T.)

<sup>10</sup> Em português, MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo, Perspectiva: 2010. (N. T.)

dos modelos impostos a opacidade aberta das existências não redutíveis” propõe apaixonadamente o poeta antilhano Édouard Glissant.

Sob essa ótica, a tradução não constituiria mais, como salientou Gadamer, uma resposta a um fracasso, mas um lugar privilegiado de encontro, no momento em “que ela não introduz apenas certa consciência da diversidade das línguas, mas também a consciência da alteridade dos mundos” (RENKEN, 2002, p. 7). A irredutibilidade dos “intraduzíveis” de uma língua constituiria então a condição para experimentar a alteridade e o “descentramento”, passando pela dimensão da linguagem que constitui, segundo Heidegger, a dimensão autêntica da existência do homem: se o próprio do homem está fundamentado sobre a linguagem, isso é possível na experiência dialógica da reciprocidade, assim como a construção de cada identidade é função da relação com o outro.

Vê-se que o movimento de si mesmo em direção ao outro provoca por sua vez um retorno a si: o reconhecimento recíproco como única condição possível da existência do homem para além do mistério angustiante do sentido e do absurdo. A tradução pode tentar remediar esse fracasso na compreensão a custo de algumas perdas.

Segundo Ricœur, é possível compensar essa perda inevitável renunciando ao “ideal da tradução perfeita”. Essa tomada de consciência confere ao tradutor a coragem de aceitar a problemática no que diz respeito à “fidelidade” e à “traição”.

Ricœur (2004)<sup>11</sup> retoma de Schleiermacher o conceito de “hospitalidade linguística” [*Gastfreiheit*] e como ele coloca a atividade da tradução no contexto da hermenêutica, da dialética e da ética.

Ricœur se coloca na continuidade de sua reflexão precedente: em seu ensaio *O si-mesmo como um outro*<sup>12</sup>, o filósofo funde a identidade sobre a alteridade e, em seu prefácio, explica o sentido profundo para atribuir ao título de sua obra:

*O si-mesmo como um outro* sugere logo que a ipseidade do si-mesmo implica a alteridade em um grau tão íntimo que uma não se deixa pensar sem a outra, que uma passa dentro da outra, como poderíamos dizer em linguagem hegeliana. Ao “como” gostaríamos de acrescentar a significação forte, não somente de uma comparação – si-mesmo parecido com um outro –, mas também a de uma implicação: si-mesmo enquanto que... outro. (RICŒUR, 1990, p. 14).

<sup>11</sup> Em português, RICŒUR, Paul. *Sobre a tradução*. Tradução e prefácio Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. (N. T.)

<sup>12</sup> Em português, RICŒUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Trad. Luci Moreira Cesar. Campinas: Papirus, 1991. (N.T.)

Da mesma forma, a tradução implica a compreensão, o reconhecimento, a escuta do outro: “É preciso permanecer junto ao outro, para conduzi-lo a si como um convidado”. Mas permanecer junto ao outro significa em parte renunciar a si mesmo, essa renúncia pode ser realizada unicamente por um trabalho, no sentido que Freud atribui ao termo em seus ensaios sobre o luto e sobre a memória.

Graças a esse *trabalho*, o ato de traduzir, assim como a troca de memórias e o perdão se apresentam como verdadeiros modelos éticos de integração entre os indivíduos, as culturas, os Estados: a tradução como possibilidade de comunicar para além da diversidade linguística, a troca de memórias como possibilidade de “contar e recontar de modo diferente”, o perdão como possibilidade de conferir ao passado um sentido novo.

Três lugares possíveis de mediação entre identidade e alteridade.

De início, poderíamos acreditar que a complexidade dessas especulações nos distanciam de nosso propósito, a saber o lugar e o papel da tradução em um curso universitário. De fato, essas reflexões concernem de modo mais específico à tradução literária; ora, nossos estudantes não seriam convidados a se autoavaliar segundo as dificuldades que ela apresenta; o que propomos é enriquecer os estudos de literatura com os estudos da tradução.

Em primeiro lugar, uma leitura de textos teóricos fundamentais para a área, (como, por exemplo, os escritos de Benjamin, Meschonnic, Steiner, Berman, Ricœur, Eco, citando apenas alguns aleatoriamente) em língua materna mesmo (portanto em tradução!), representaria para os estudantes uma oportunidade de tomar consciência da extensão da temática e das reflexões filosóficas que essa atividade humana suscitou.

Em segundo lugar, uma história da tradução permitiria compreender que, como mostram as análises semióticas de Gideon Toury (1980) e da escola de Tel Aviv, toda tradução está inscrita em condições sócio-históricas precisas e que ela dá conta de *normas* de aceitabilidade da cultura receptora.

Aliás, esclarecer a evolução dessas passagens de uma língua-cultura para outra, desse movimento que Paz e Berman definem como *translação literária*, permite compreender a literatura ocidental como um fenômeno unitário em que as contribuições originais de cada autor se nutrem de uma tradição transnacional. Esse estudo: “repousaria sobre uma história de migrantes, e uma “teoria” do ser humano como ser-migrante (a migração funda a translação) e, por isso mesmo, ser-mutante (toda migração

é mutação, como mostra o fenômeno fundamental da “colônia”<sup>13</sup>). Percorrer os caminhos trilhados pelas produções “nacionais” dentro de uma rede cultural muito mais vasta e reconhecer o valor dos aportes mútuos constituiria uma verdadeira lição de “descentramento” e de “hospitalidade”.

## CONCLUSÃO

Se todas as afirmações sobre a impossibilidade da tradução foram logo desmentidas por uma prática tradutória que nunca deixou de se afirmar em todas as épocas e em todas as latitudes, isso deveria nos levar a reconsiderar seu papel dentro do ensino de línguas. Entre as várias categorias nas quais os especialistas tentaram sistematizar a extensão desse fenômeno, privilegiamos em particular três tipos de tradução definidas por Besse como didática, cujo objetivo principal é a análise dos sistemas linguísticos; como pragmática que se dirige aos profissionais e que trabalha sobre os textos, e, enfim, como poética, a que chamaremos ética, que visa a um verdadeiro descentramento em direção ao outro, segundo a experiência de Meschonnic.

Esses três níveis não mantêm entre si relações hierárquicas, mas correspondem antes a objetivos e a necessidades diferentes; tentamos mostrar aqui o interesse pedagógico na formação geral em línguas/culturas vivas através de um trabalho de reflexão que se situa tanto no nível da língua como no do discurso e da cultura.

## REFERÊNCIAS

- ARCAINI, Enrico. *Analisi linguistica e traduzione*. Bologne : Pàtron, 1986.
- BALLARD, Michel ; EL KALADI, Ahmed. *Traductologie, linguistique et traduction*. Arras : Artois Presses Université, 2003.
- BERMAN, Antoine. *Pour une critique des traductions* : John Donne. Paris : Gallimard, 1995.
- BESSE, Henri. “Trois genres de traduction”, in. FORGES, Germain.; BRAUN, Alain. (dir.). *Didactique des langues, traductologie et communication*. Bruxelles : DeBoeck, 1998, p. 10-27.
- CORDONNIER, Jean-Louis. *Traduction et culture*. Paris : Hatier, 1995.
- DARBELNET, Jean ; VINAY, Jean-Paul. *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Paris : Didier, 1958.
- ECO, Umberto. *Dire quasi la stessa cosa*. Milan : Bompiani, 2003.

<sup>13</sup> PAZ, Octavio. *Lecture et contemplation*. Paris: La Déliante, 1982, citado por BERMAN, A. *Pour une critique des traductions* : John Donne. Paris : Gallimard, 1995, p. 56, nota 46.

- FORGES, Germain ; BRAUN, Alain. (dir.). *Didactique des langues, traductologie et communication*. Bruxelles : DeBoeck, 1998.
- GERMAIN, Claude. *Evolution de l'enseignement des langues : 5000 ans d'histoire*. Paris: CLE International, 1993.
- GLISSANT, Édouard. *Introduction à une poétique du divers*. Paris : Gallimard, 1996.
- JAKOBSON, Roman. “On linguistic aspects of translation”, in. BROWER, R. (éd.). *On translation*. Cambridge, Massachussets : Harvard UP, 1959, p. 232-239.
- LADMIRAL, Jean-René. *Traduire : théorème pour la traduction*. Paris : Payot, 1979.
- \_\_\_\_\_. “Epistémologie de la traduction” in MEJRI, Salah. (coord.). *Traduire la langue, traduire la culture*. Tunis : Sud Editions, 2003.
- LEDERER, Marianne. *La traduction aujourd’hui*. Le modèle interprétatif. Paris : Hachette, 1994.
- MEJRI, Salah. (dir.). *Traduire la langue, traduire la culture*. Tunis : Sud Éditions, 2003.
- MESCHONNIC, Henri. *Pour la poétique II*. Epistémologie de l’écriture. Poétique de la traduction. Paris : Gallimard, 1973.
- MOIRAND, Sophie. *Enseigner à communiquer en langue étrangère*. Paris : Hachette, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Une grammaire des textes et des dialogues*. Paris : Hachette, 1990.
- NERGAARD, Siri. *Teoriecontemporaneedella traduzione*. Milan :Bompiani, 1995.
- NIDA, Eugene A. *Toward a Science of Translation*. Leiden :Brill, 1964.
- PAZ, Octavio. “Traducción: literatura y literalidad”. Sigma 33-34, 1972.
- PY, Bernard. “Pour une perspective bilingue sur l’enseignement et l’apprentissage des langues”, *ÉLA*, 108, 1997, p. 495-503.
- PUREN, Christian. *Histoire des méthodologies de l’enseignement des langues*. Paris : CLE International, 1988.
- RENKEN, Arno. “La représentation de l’étranger. Une réflexion herméneutique sur la notion de traduction”, *Théorie* 42 : Lausanne, 2002.
- RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris : Seuil, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Sur la traduction*. Paris : Bayard, 2004.
- ROULET, Eddy. “L’apport des sciences du langage à la diversification des méthodes d’enseignement des langues secondes en fonction des caractéristiques des publics visés”, *ÉLA*, 21, 1976, p. 43-77.
- SHLEIERMACHER, Friedrich. *Des Différentes méthodes de traduire*, conférence lue à l’Académie Royale des Sciences de Berlin ; traduction d’A. Berman et C. Berner. Paris : Seuil. 1999. [1re éd. 1984. Trans Europe Express, Mauvezin].
- STEINER, George. *Dopo Babele. Aspetti del linguaggio e della traduzione*. Milan :Garzanti (trad. ital.), 1994.
- TOURY, Gideon. *In Search of a Theory of Translation*. Tel Aviv, 1980.